

## RESENHA

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira et al. (Org.). **Diálogos interdisciplinares: intercâmbios e tensionamentos nos estudos de cultura e linguagem.** Salvador: EDUFBA, 2018, 228 p.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.441>



Florência Paulo Nhavenge  
Centro Universitário de Salvador  
florencianhanengue@gmail.com

Alexandre António Timbane  
Centro Universitário de Salvador  
alextimbana@gmail.com

A obra em resenha resulta das comunicações, debates e contribuições do I Encontro Internacional de Cultura e Tecnologias (ENICECULT) realizado de 22 a 24 de março de 2017 na UFRB (Santo Amaro-BA). É uma obra rica, com contribuições que servem de consulta para pesquisadores, professores e estudantes interessados no assunto. O seu caráter interdisciplinar transforma a obra num material que consegue satisfazer a leitores de diferentes áreas e disciplinas. É um livro de 228 páginas, publicado pela EDUFBA, com capa dura, organizado por quatro mulheres empoderadas e poderosas cientificamente, planejado de forma estratégica e repartindo-se em quatro seções.

A obra inicia com palavras de uma ‘autoridade científica’ (Professor Kabenguele Munanga) cujo texto é *Multiculturalismo e identidade nacional versus democracia no contexto da globalização*. Munanga em 13 páginas levanta uma discussão pertinente sobre o multiculturalismos e identidade nacional que não mexe com o Brasil para qualquer nacionalidade ao sugerir um debate urgente em todos os países do mundo sobre a temática para que as política públicas possam efetivamente respeitar as diferenças em todos os níveis. Munanga aponta a necessidade de respeitar os direitos coletivos que vão desde as diversidades e as minorias excluídas na nossa sociedade. O texto termina chamando atenção à necessidade de interdisciplinar os debates por forma a que se possa atingir as diversas realidades socioculturais apoiando-se nas tecnologias de comunicação possíveis e em uso.

Na primeira seção apresenta duas subseções: O único texto em espanhol cujo título é *Artes de la resistência: etnografias de las formas expresivas* (de Eduardo Álvarez Pedrosian) levanta debates sobre o recurso às etnografias para o estudo das artes de resistências que são necessárias na academia por forma a combater as desigualdades sociais que são muito marcantes no cotidiano. O estudo de Pedrosian mostra como a dança (folclórica), as artes cênicas, a poesia, os jogos e outras manifestações socioculturais são ações e espaços de luta e resistência social. O autor apresenta algumas propostas que visam colocar em foco práticas de resistência aplicáveis em qualquer nação desde que haja uma vontade política para o efeito. A segunda subseção *Diagramas de junho de 2013* (de Tatiana Roque) retoma os debates sobre a resistência de Pedrosian, mas na perspectiva manifestação pública, neste caso, as de junho de 2013. O diagrama, segundo Roque visa “ordenar, aconselhar, prometer, dar palavra, elogiar, levar a sério ou na brincadeira, tirar sarro...” (p.60), mas com fim pedagógico, mas sobretudo como marca de resistência sobre as injustiças sociais e políticas. Os movimentos de manifestação pública de 2013 polarizaram os debates provocando três processos, nomeadamente (i) a batalha política com os dispositivos de poder; (ii) a batalha política dentro do movimento entre as forças de oposição e; (iii) a relação entre o sujeito político e os processos de

subjetivação. O texto termina apresentando algumas sugestões para suportar, organizar e das consistência às mudanças que afetam a subjetividade.

Na segunda seção *Diálogos interdisciplinares: os deveres dos sistemas culturais* brinda o leitor com dois textos: O primeiro cujo título é *Raciocínio semiótico e interdisciplinaridade* (de Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa) inicia as discussões debatendo questões metodológicas (fenomenológico) orientando para o “uso metodológico da semiótica como o intuito de responder a um questionamento que não possui, de fato, um substrato semiótico” (p.80). A Autora remete seus argumentos para a obra de Irene Machado como fonte de inspiração para estratégias metodológicas de análise com raciocínio semiótico e de interdisciplinaridade, claro sem dissociar a relevância da linguagem, de comunicação e da cultura nessa empreitada. O grande mérito deste texto é de propor caminhos possíveis para uma investigação mais minuciosa que valorize o espírito crítico, a heterogeneidade compositiva do texto e a extensão do texto na análise semiótica. O texto termina sem esgotar os debates para que o leitor continue refletindo sobre a pesquisa baseada no raciocínio semiótico que envolve a interdisciplinaridade. O último texto desta seção tem como título *O campo e o corpo da performance* (de Lucio José de Sá Leitão Agra). O autor inicia debatendo o situacionismo apoiando-se na obra “Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade” de Jacques. O autor explica que existem corpos, teorias, linguagens, *performances* e construtivismos e não no singular. Para aprofundar definições orienta-se ao interessado ler o capítulo de Agra. As Artes do Corpo envolvem linguagens que se relacionam ao corpo enquanto que pertencer as Artes ao Vivo “significa compartilhar modos de operação que borram fronteiras com os diversos modos de improviso” (p.102). A ação de testemunhar num espaço público resulta no aprendizado. De forma breve, o autor fala dos atos de fala com base nos argumentos teóricos de Bauman, Hymes e Fonágy. As manifestações da *performance* torna-se ‘forma-função’ que “engendram em novas e inusitadas possibilidades” (p.107). O autor tem o cuidado de apresentar os vários estudos sobre *performance* para que o leitor possa compreender a relevância da valorização dos corpos.

A terceira seção *Análise de linguagens e tecnologias da cultura* oferece três textos: o primeiro *A memória como ritual de presentificação nos escritos de Fred Souza Castro* (de Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins, Rubens da Cunha e Francesca Maria Nicoletta Bassi Arcand) analisa os escritos do escritor de Santo Amaro da Purificação (BA), Fred Souza Castro iniciando com dados biográficos até chegar às reflexões sobre a identidade coletiva e individual que resultam na memória que é uma resistência que “reverbera um movimento de vida e morte” (p.116). As obras de Castro citadas neste texto revelam a capacidade de emergir na poesia, nas lembranças que constituem memórias que não são apenas individuais porque o indivíduo sempre se liga ao coletivo. A memória e morte formam um jogo discursivo circular nos textos trazendo uma característica própria do autor. O capítulo termina enaltecendo as obras de Castro que para além da memória ritual coletiva também carrega a religiosidade e diversas culturas que carregam a identidade coletiva. A segunda subseção “*A vila de Shyamalan e outros espaços do medo* (de Sérgio Ricardo Oliveira Martins, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins e de Iara Regina Demetrio Sydenstricker Cordeiro) analisam o filme de Shyamalan discutindo e compreendendo o isolamento e o medo enquanto fatores de ‘proteção’ de um *modus vivendi*” (p.136). Os autores analisam profundamente a linguagem cinematográfica defendendo que as relações entre o espaço e o tempo fazem com que o espectador ative a sua memória e materialize o cenário, tornando-a uma experiência viva. Isso significa que o cinema exige uma bagagem cultural para que a realidade seja interpretada de forma explícita pelo espectador.

O terceiro capítulo *Por uma cartografia da diferença à margem: a exposição Bahia (1959)*, de Lina Bo Bardi e Martim Gonçalves (de Cyntia Nogueira e Danilo Barata) o terceiro e último texto *Encontros na dança dos saberes: um experimento de ciência festiva* (de Thais Fernanda Salves de Brito e Pedro Amorim Filho busca “contextualizar e dimensionar a importância e singularidades da exposição Bahia, realiza em São Paulo em 1959, na marquise do Parque Ibirapuera na V Bienal de Artes Plásticas. As expressões

artísticas em análise fazem parte das políticas culturais visam engrandecer a afro-baianidade. A exposição de Bo Bardi e Gonçalves de 1959 questiona a separação e a hierarquização entre a arte primitiva e a arte moderna, a cultura popular e erudita, denunciando o caráter elitista da “grande arte” que inspirava a Bienal. Sobre a ‘cartografia da diferença à margem’, os autores criticam o fato de ser exposta uma cultura fora do recorte antropológico e também pelo fato de ter se tirado uma arquitetura cênica. Os autores sustentam as ideias sobre a arte buscando reflexões de Carla B. Zollinger e Marilyn Strathern para compreender que a arte popular e a arte moderna são artefatos da história que evocam o passado e o futuro de um ecossistema cultural.

A quarta e última seção tem como título *Diálogos dos grupos de trabalho* e é composta por três textos: o primeiro *Afiliação, letramento acadêmico e discurso: implicações recíprocas no Ensino Superior* (de Adriano Dantas de Oliveira) fala sobre a educação no Brasil, em especial o ensino superior desde a interiorização e programas político-educacionais que contribuíram para o ingresso maciça dos cidadãos no ensino superior. O texto analisa os procedimentos de ingresso ao ensino superior dos estudantes brasileiros assim como descortinou as principais ações: pensar, ler, escrever, falar, saber fazer e saber organizar o pensamento. Para analisar o enunciado como unidade da comunicação verbal, o autor busca o filósofo e pensador Mikhail Mikhailovich Bakhtin buscando compreender problemas do letramento e suas práticas sociais letradas em contexto. O autor busca reflexões da Magda Soares e Brian Street para fundamentar definir o conceito de letramento e seus enfoques. O letramento acadêmico (que interessa ao Oliveira) corresponde ao processo de aquisição de habilidades e de conhecimentos de práticas letradas em espaço universitário. O autor debate sobre os conceitos e a origem das palavras ‘texto’, ‘discurso’ e caracteriza os movimentos de enunciação. O capítulo ainda estabelece as relações entre o enunciador, a coenunciador e suas particularidades. O capítulo termina apresentando alguns caminhos possíveis para que o letramento universitário tenha sucesso nas nossas universidades.

O segundo texto *Epistemologias insurgentes e outras interdisciplinares* (de Michel Fernandes da Rosa, Carlos Bonfim e Felipe Milanez) levanta reflexões sobre as reuniões dos grupos de trabalho realizadas na organização do I Enicecult especificamente na organização das 3 sessões temáticas, nomeadamente ‘epistemologias indisciplinadas’, ‘descolonização da cultura e do conhecimento’ e ‘ambientes indisciplinados’. Os autores apresentam os objetivos e reflexões sobre as propostas. Há que realçar a importância do acolhimento das pluralidades de experiências que só enriquecem os debates e troca de conhecimentos. O relato apresentado neste capítulo abre caminhos para que as sessões de trabalho de GT sejam feitos de forma reflexiva e que estejam articuladas, conectadas para contribuir para o avanço da ciência de forma inclusiva.

Diferentemente do capítulo anterior que se centra na parte científica, o terceiro e último texto *Encontros na dança dos saberes: um experimento de ciência festiva* (de Thais Fernanda Salves de Brito e Pedro Amorim Filho) de vira para o entretenimento dos congressistas e proporcionar momentos de relaxamento. Esse momento inclui o compartilhamento de histórias, manifestações culturais (música, dança, etc.) e artísticas (feira de artesanato, etc.). Para que isso aconteça é necessário uma logística que consiste no convite aos artistas, preparação do espaço, acolhimento e acomodação dos convidados. Ao ler o capítulo de Brito e Filho, o leitor terá ideia sobre como organizar um evento e quais os melhores caminhos para que esse empreendimento tenha sucesso. É uma boa experiência.

Desta forma, gostaria de recomendar a leitura atenta desta obra por forma a que se possa sugar o suco vitaminizado das discussões e debates oferecidos pelos autores e autoras desta bela obra. É uma obra escrita usando uma linguagem científica com capítulos estruturados no formato introdução, desenvolvimento, conclusão e referências para cada capítulo.